

A Festa de Sant'Ana na cidade de Ponta Grossa: "aleluias" a sua Protetora

*The party of Sant'ana in the city of Ponta Grossa:
"hallelujahs" to their patron saint*

*La Fiesta de Santa Ana en la ciudad de Ponta Grossa:
"Aleluyas" La suya protección*

Maura Regina Petruski
Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR
mpetruski@uol.com.br

Resumo

O trabalho se encaminha para revelar a dinâmica da festa religiosa realizada anualmente na cidade de Ponta Grossa (Pr) como forma de homenagear sua protetora Senhora Sant'Ana. Essa modalidade de experiência religiosa esteve presente nessa localidade desde o início da ocupação da região, dessa forma, buscou-se identificar permanências e mudanças das comemorações bem como observar qual era o envolvimento da população ponta-grossense no conjunto da festividade que estava subdividida em duas categorias: momentos sagrados (novenas, missas e procissão) e momentos profanos (quermesse, baile e cavalhadas).

Palavras Chaves: festa religiosa – Sant'Ana – comemoração – padroeira

Abstract

The work draws to reveal the dynamics of religious festival held annually in the city of Ponta Grossa, state of Paraná, as a way to honor his protective "Senhora Sant'Ana". This type of religious experience was present in this location since the early occupation of the region. Thus, we sought to identify continuities and changes of the celebrations as well as observing what was the involvement of "ponta-grossense" population throughout the festival that was subdivided into two categories: sacred moments (such as novenas, masses and procession) and profane moments (like bazaar, dancing and "cavalhadas").

Key words: religious festival – Saint'Anne - celebration - patron

Resumen

El trabajo se basa para revelar la dinámica de la fiesta religiosa que se celebra anualmente en la ciudad de Ponta Grossa (Pr) como una manera de honrar a su

protectora "Senhora Sant'Ana". Este tipo de experiencia religiosa estuvo presente en esta ubicación desde la ocupación temprana de la región, por lo tanto, hemos tratado de identificar las continuidades y los cambios de las fiestas, así como la observación de lo que fue la participación de la población punta-grossense durante todo el festival en que se subdivide en dos categorías: momentos sagrados (novenas, misas y procesión) y momentos profanos (bazar, baile y "cavalhadas").

Palabras clave: festival religioso – "Sant'Ana" - celebración – patrona

Introdução

As festas religiosas são as atividades sociais urbanas mais antigas do Brasil, pois estiveram presentes em solo colonial desde o início do processo de colonização e se constituíram como os primeiros momentos de sociabilidade dos então moradores da colônia, numa fase em que as formas de convívio ainda estavam sendo estabelecidas.

Dessa forma, no Brasil, ao longo de sua trajetória histórica "sempre havia festas, todo o tempo, por toda à parte e por todos os motivos" (BRANDÃO, 1978, p. 08). No que tange as festas religiosas Carlos Rodrigues Brandão afirma que, em sua grande maioria, elas aconteceram para homenagear um santo padroeiro de uma cidade, de uma região ou de um país.

À medida que a ocupação das novas terras sob a administração dos lusos foi acontecendo, as festividades em louvor aos santos assumiram destaque perante outras celebrações religiosas, ao mesmo tempo em que foram se espalhando por todo o território brasileiro. Todavia, nos primeiros anos, quando realizadas pelos jesuítas, as comemorações assumiram outra função além de homenagear um santo específico, pois foram utilizadas como recurso para atrair e envolver os indígenas em seu trabalho catequético.

Entre os séculos XVI e XVIII, no que concerne à organização desses momentos de cultos coletivos, identifica-se a Igreja e o Estado como parceiros em tais empreendimentos. Tal parceria foi elaborada juntamente com os objetivos de expansão portuguesa, quando a Igreja Católica e o Estado português oficializaram a política de fusão dos poderes temporais e espirituais do sistema de Padroado.

Nessa direção, constata-se que a participação em festas religiosas durante o período colonial brasileiro foi impositiva, não apenas aos portugueses mas a toda a população, porque essas faziam parte das obrigações dos católicos que deveriam, entre outras coisas, "guardar domingo e festas de guarda" (AZZI, 1984, p.48), e dentre elas estavam às festividades aos santos padroeiros.

Assim, a partir do estabelecimento do sistema de Padroado criou-se uma legislação na qual ficou firmado que as práticas religiosas coletivas seriam

obrigatórias a todos os moradores da colônia, pois sendo impostas por lei, os súditos da Coroa não poderiam delas se furtar. As Ordenações do Reino regulamentavam a participação por parte dos "fiéis" a essas modalidades de experiência religiosa, prescrevendo os meses e dias em que elas se realizariam, como também as multas a serem pagas por aqueles que a elas não comparecessem.

Na região que mais tarde seria o Estado do Paraná, também encontramos uma normatização "local" que foi instituída pela autoridade portuguesa competente, era os Provimentos do Ouvidor Geral de São Paulo Raphael Pires Pardiniho, datados de 20 de janeiro de 1721, que nos itens 5 e 6 fixava aos habitantes da Vila de Curitiba:

5°. Proveo que os Juízes e officiaes da câmara acistão em corpo de câmara a porcisão(sic) de Corpus Christi, que o Reverendo Vigário e fregueses devem fazer conforme o Sagrado concílio Tridentino. E todas as pessoas que costumão andar na Governança desta Villa serão obrigados a virem acistir a dita procição(sic) compostas, e se acharão nos paços do conc., donde o Estandarte sahir para o acompanharem athe a Matriz, e della athe se recolher depois da procisam(sic) não forem ocupados nas Irmandades hirão acompanhando o Estandarte, que levará o Juiz mais velho do anno Antecedente, e em sua falta o mais mosso e na de ambos hum dos vereadores preferindo sempre o mais velho que for presente. E o que levar o Estandarte, se sentará na Igr. Entre os dous Juízes. O que se observará todas as vezes que o Estandarte sahir fora. (Sobre a festa do Corpo de Deus. Acompanhe o estandarte penna de 640 reis de quem não acompanhar. Quem deve levar o estandarte).

6°. Proveo que todos os moradores huã légua ao redor d'esta Villa serão obrigados sub pena de huã pataca para o conc. De virem acistir a dita procissão (sic): E todos os visinhos das ruas por onde a dita procissão passar, mandarão Carpir, e alimpar as suas Testadas e emramallas com palmas, e outros ramos e ornattos, sub pena de duas patacas para o conc., que o Procurador fará cobrar Sub-pena de as pagar de sua caza. E da mesma sorte acistirão a procissão que se faz a N.S.da Luz Paroeyra d'esta Villa, em oito de Setembro(...) (SANTOS, 2000, p.31).

Diante de seu caráter oficial e impositivo, a participação da população nas expressões públicas de fé era significativa, tanto do povo em geral quanto das autoridades políticas, haja vista a designação governamental.

Nesse sentido, as festas religiosas estavam presentes em logradouros, vilas e cidades, tendo sua organização ora realizada pelos representantes da

Igreja, ora pelos leigos devido à inexistência de clérigos em diversas regiões brasileiras, fato esse que não interferia em sua realização porque essa prática compunha a cultura religiosa trazida pelo colonizador português estando relacionada a uma força primordial que contribuiu para construir, estabelecer ou determinar uma ordem aos homens.

Em Ponta Grossa, cidade localizada no interior do Estado do Paraná, tais reuniões festivas também estiveram presentes desde o início de sua formação, cujos indicativos remontam à ocupação da região no século XVIII, sendo a Senhora Sant'Ana homenageada, a qual foi declarada oficialmente Padroeira da cidade em 1823 por meio do Decreto assinado pelo então Imperador D. Pedro I:

Decreto n.15, de 15 de setembro de 1823.

Eu Imperador Constitucional do Império do Brasil faço saber que attendo ao que por Nero (sic), de consciência e ordens, subio a Minha Imperial presença. **Hei por bem crear uma nova Freguesia com o rogo de Nossa Senhora Sant'Ana (sic), em lugar vizinho à Capela denominada Casa da Telha no bairro de Ponta Grossa,** (grifos meus) distrito da vila de Castro do Bispado de São Paulo, ficando desmembrada da Freguesia da mesma vila servindo-lhe de limites o rio Pitanguí, atravessando toda a latitude do Distrito da Freguesia da Vila de Castro e formando meio de círculo vai fazer barra no rio Tibagy e seguindo até fazer barra no Yapó, devendo pertencer todos os moradores além do Pitanguí e Tibagy até a barra do Yapó, a esta nova Freguesia, este se cumprir como nelle se contem sendo passado pela chancelaria das ordens e valerá de carta posto que seu efeito haja de durar mais de um ano sem embargo de ordenação em contrário, sendo revestidas nos livros da Câmara do Bispado de São Paulo, nos da nova Freguesia dos que com ela confinarem.

Rio de Janeiro, 15 de Setembro de mil oitocentos e vinte e três.
Segundo da Independência e do Império.
Imperador com Guarda.
Caetano de Miranda Montenegro.

A Homenageada: Senhora Sant'Ana

Ana viveu no século I a.C no interior da Palestina. Nasceu em Belém de Judá, morou em Nazaré (Baixa Galiléia) e morreu na Palestina. Todavia seu corpo foi transladado em 710 para Constantinopla.

Seu nome significa em hebraico graciosa, querendo dizer graça, misericórdia. Foi a terceira filha de Mathan e de Maria. Desposou Joaquim, também da tribo de Davi, pois de acordo com sua tradição, os descendentes

dessa tribo não faziam questão em dar suas filhas em casamento a homens de outras tribos casando-se entre seus membros.

A devoção para com a pessoa de "Ana" iniciou no oriente chegando posteriormente ao ocidente, sendo que em 550 o Imperador Justiniano I (527-565) mandou construir-lhe uma igreja que é considerada o seu primeiro templo oficial.

No Ocidente, os apontamentos contidos na historiografia cristã que relatam à devoção a Sant'Ana são encontrados em Roma a partir do oitavo século e fazem parte do Pontificado de Constantino (708-715). Contudo, até o século X, a plenitude de implantação do seu culto em toda a Igreja ainda estava longe de ser um fato, porém, a partir de 1.100, se encontram anotações da celebração de festas em seu louvor na cidade de Nápolis e depois em Cantrgury (Inglaterra).

Mais tarde, no ano de 1378, mesmo que de forma indireta, o Papa Urbano 1378-1389), abriu espaço para que o início das comemorações em sua honra em outras regiões da Europa intercorressem, a partir do momento em que atendeu ao pedido de alguns bispos da Inglaterra que solicitaram licença para festejá-la em algumas cidades. Décadas depois, em 1425, o Concílio Provincial da Dinamarca concordou com a celebração de uma festa para laudar Sant'Ana. De acordo com Herbert Thurston "acredita-se que esse pedido tenha sido motivado pelo casamento do rei Ricardo II com Ana da Boêmia, que era sua devota" (1989, p.17).

Por conseguinte, a fixação no calendário festivo católico da missa oficial, juntamente com a festa litúrgica, remontam ao ano de 1584, quando o Papa Gregório XIII (1572-1585) ordenou que toda a Igreja a celebrasse, organizando e fixando um programa doutrinal que abolisse as formas comemorativas particularizadas, propondo através dessa normatização a unicidade de seu culto.

Outro motivo que pode ser apresentado como justificativa para essa determinação de oficialização de seu culto, estava a tentativa de valorização dos santos da Igreja Católica, que estavam sendo contestados e combatidos pelo reformador Martinho Lutero. Dentre seus vários ataques ao catolicismo, alguns se dirigiam à figura de Sant'Ana, devido ao elemento que sustenta sua santidade - a maternidade, ou seja, ser mãe de Maria -, e também em função das imagens que passaram a ser reproduzidas por alguns pintores renascentistas, os quais, a partir do século XV, a representavam juntamente com Maria e também com Jesus¹.

¹ Até o século XII Sant'Ana foi representada com Joaquim, seu esposo, na cena do reencontro. No final do período medieval são freqüentes as representações tendo Sant'Ana em seus braços Nossa

A definição do dia 26 de julho² para celebrar Sant'Ana, foi estabelecida no pontificado do Papa Gregório XV (1621-1623). A escolha desta data está relacionada às comemorações que se alternavam entre os dias 22 e 26 de julho.

As comemorações!

No início das comemorações na localidade de Ponta Grossa aconteciam entorno dos oratórios domésticos quando os moradores se reuniam para a realização de suas orações coletivas, tendo em conta que a maioria dos habitantes desse logradouro viviam em suas fazendas, chácaras ou sítios haja vista a origem campeira da cidade.

Dentre os primeiros oratórios domésticos que foram colocados sob a invocação de Sant'Ana o que foi construído na Chácara Madalena, cuja propriedade pertencia a Domingos Ferreira Pinto, descendente dos sesmeiros antigos da região, era o que mais agregava devotos como também era nele que se faziam as festas celebrativas coletivas.

A respeito dessa experiência religiosa nesse espaço santificado, Reynaldo Ribas Silveira menciona a que ocorreu no dia 09 de abril de 1814, quando um representante da cidade de Castro compareceu para ungi-lo e também para batizar a filha do proprietário. A esse respeito o autor escreveu:

A primeira capela aqui erguida
Em louvor a Sant'Ana. A mãe preclara,
Que a chác'ara madalena sublinhara,
Em abril de catorze foi benzida (SILVEIRA, 1999, p. 115).

A unção desse nicho por um sacerdote se fazia necessário de acordo com as determinação do Concílio de Trento, que estabelecia que “nenhum retábulo ou altar, fora das igrejas, capelas ou ermidas poderia ser edificado expondo imagens de santos que não fossem reconhecidas pelas autoridades eclesiásticas” (FLEXOR, 2003, p.245).

A historiadora ponta-grossense Guísela Velleda Frei Chamma se refere a esse momento ocorrido na Chácara Madalena dessa forma: “a partir dessa data foi quando se festejar anualmente a santa todo dia 26 de julho, tendo o início da

Senhora com o menino Jesus. In: Boletim Diocesano de Franca, “A Pastoral das Comunicações da Diocese de Franca. Publicação Mensal. Ano 8. N.116. Jul/2005, p.02.

² No oriente o calendário bizantino celebra a memória de Ana no dia 09 de setembro, porque lembra o costume de felicitar os pais pelo nascimento de sua criatura.

comemoração, o levantamento de um mastro, no qual era colocado uma bandeira coma imagem da protetora” (1988, p.16).

Esse ritual de elevação dos painéis com a imagem de Sant'Ana durante as festas realizadas em sua honra, continuou sendo utilizado pelos devotos por um longo tempo. De acordo com Chamma, ele esteve presente nas festividades até os primeiros anos da década de 1950 (1988, p. 18). Diante disso, pode-se afirmar que a comunidade que se uniu na propriedade de Domingos Ferreira Pinto para festejar Sant'Ana foi a criadora de uma prática de religiosidade que se perpetua até hoje através do envolvimento comunitário por parte daqueles que comungavam do mesmo ato de fé e devoção.

Entretanto, a descrição mais detalhada das festividades em louvor a “mãe de Maria” foi publicada em 1870, por um jornal da cidade de Paranaguá, num artigo assinado por um ‘Pontagrossano’. Aída Mansani Lavalle transcreveu a notícia em sua obra que diz:

Os festeiros, liderados por Generoso Martins de Araujo, ofereceram ao povo da região um espetáculo apreciadíssimo, no Largo da Matriz: uma competição esportiva conhecida como "cavalhadas", que atraíu muita gente. O momento mais esperado era o desafio entre "mouros" e "cristãos", que se propunha a recriar um torneio medieval, com os cavaleiros vestidos a caráter. Os cavaleiros precisavam ser destros na arte de montar para desempenhar a contento seu papel nas evoluções. Outras modalidades de desafio eram praticadas, como: tiro ao alvo na corrida de cavalos e a prova de retirar uma argolinha com lança, também no galope, que atraíam os olhares, formando-se torcidas em favor deste ou daquele. O texto destaca a eficiência do cavaleiro Major Domingos Ferreira Pinto e do moço João Martins de Araujo.

Houve também, uma parte artística, com exibição de peças de teatro e declamação de poesias, seguidas de um baile. O local dessas apresentações não ficou registrado.

A festa durou vários dias, sendo a parte religiosa realizada com "fervor devoto" pelo reverendo Frei Matias, completada por uma procissão onde crianças e jovens vestiam-se como anjos e virgens. Mesadas de comidas foram oferecidas aos participantes dos jogos e aos espectadores, e ate uma "farta mesa para os pobres se banquetearam".

Quem financiou essa festa foi a "aristocracia rural representada pelas famílias dos grandes fazendeiros, gente de solida fortuna, com numerosa escravaria e agregados brancos" (LAVALLE, 1996, p.101).

Sobre as atrações apresentadas por Lavalle, salienta-se que elas eram uma constante no conjunto das festividades em laudação a essa Santa em Ponta Grossa, pois ao longo de sua organização algumas dessas etapas deixaram de

serem realizadas, outras permaneceram, enquanto outras novas foram acrescidas.

Especificamente em seu desenrolar entre os anos de 1930 a 1961, as comemorações compartilhavam elementos sagrados – novenas, missa e procissão – e profanos – quermesse, cavalhada e baile – os quais se intercalavam durante o período festivo. Essa oscilação de uma festa religiosa entre dois pólos foi chamada por Èmile Durkheim de ‘gênero misto’, isso porque apesar desses dois elementos serem divergentes como categorias, nem sempre eles compõem o mesmo universo religioso (1989, p. 35).

Apesar da constatação de que tais atividades são ambíguas e, portanto, distintas como práticas, mesmo assim elas são interligadas, fazendo com que os participantes possam perpassar por ambas, pois uma não substitui a outra, porém ambas fazem parte do conjunto da mesma festa e das expressões de fé dos cristãos.

Embora as cerimônias religiosas comportassem diferentes tipos de rituais, todavia se comparadas às mesmas etapas presentes em outras festas religiosas do restante do Brasil, elas não sofreram variações, pois são ritos fixos estabelecidos pela Igreja, regidos por normatizações institucionalmente firmadas.

A diversidade de rituais presentes nesses momentos sagrados acontecem porque a cada tempo litúrgico demarcado pela Igreja, predominam símbolos e ações próprias que evocam uma realidade significada.

Ao passo que as etapas identificadas como profanas podem sofrer variações nas diferentes logradouros nas quais ela esteja presente se modificando como forma, sendo recriadas a partir das especificidades locais, e é nessa direção que os estudos de Roger Chartier contribuem para a sua análise, pois o autor afirma que a história cultural tem por principal objetivo “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1985, p.16).

Nessa direção, para a historiadora Mary Del Priore a festa tem seu aspecto lúdico no momento em que há a manifestação de sentimentos que podem ‘ocultar’ a rotina, revelando o poder instituído por meio de um simbolismo rico de significados.

De acordo com a autora as festas, além de seu aspecto religioso e simbólico, também cumprem uma função social, pois

Elas servem de enxutórios à violência contida e às paixões, enquanto queimam o excesso de energia das comunidades. A alegria da festa ajuda as populações a suportar o trabalho, o

perigo e a exploração, mas reafirma, igualmente, laços de solidariedade ou permite às crianças, aos jovens, aos espectadores e atores da festa introjetar atores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários (1994, p. 10).

Desde o início das comemorações a Sant'Ana em Ponta Grossa, a preparação das festividades eram realizadas por grupos: o primeiro, dos representantes da Igreja, cuja responsabilidade era de celebrar os rituais sagrados; o segundo, dos leigos, responsáveis pela organização dos rituais sagrados e, também, pelos momentos profanos nos quais predominavam a diversão e o entretenimento, ou seja, os elementos recreativos apontados por Lea Perez.

Contudo, a presença de pessoas que ocupavam a função de organizador das comemorações à homenageada foi constante durante todo o período de sua realização os quais buscavam executar as atividades que atingissem todos os públicos, desde as crianças, passando pelos jovens, chegando aos adultos até aos mais idosos, pois as atividades que nela estavam presentes eram variadas, como forma de agregar toda a população.

Entretanto, a partir de 1931 o controle efetivo do conjunto celebrativo passou para as mãos de Dom Antônio Mazzarotto que assumiu a recém criada diocese de Ponta Grossa, através da Bula *Quim in Dies Numerus*, de 10 de maio de 1926, assinada pelo Papa Pio XI, muito embora o prelado tenha chegado à cidade em 1930, período em que a preparação das atividades para aquele ano já estavam em andamento, pois os responsáveis já trabalhavam em sua organização e, dessa maneira, sua interferência no evento foi menor se comparado aos dos anos posteriores.

Vale lembrar que para tornar-se real uma festa religiosa mobiliza-se um grande número de pessoas que, sob a forma de mutirão, começam a aprontá-la meses antes da data oficial do evento.

Para angariar recursos para serem aplicados na festividade eram realizados dias antes do período comemorativo várias atividades simultâneas, entre os quais destaca-se os 'chás musicalizados' na sede do Clube Germânia, o qual durante vários anos cedeu sem nenhum custo o seu salão social para efetuar o 'espetáculo'. Eles aconteciam numa tarde, entre os primeiros dias do mês de julho, quando se comprava o ingresso e tinha-se à disposição variados tipos de doces, bolos, guloseimas e brincadeiras. Normalmente a participação nesse evento era mais feminino se comparado ao masculino.

Também aconteciam festivais futebolísticos na primeira quinzena de julho que contava com a colaboração de times associados à Liga Atlético

Municipal – União, Olinda e Castelo – que faziam a partida principal seguida por outras equipes formadas por pessoas que não estavam envolvidas com o esporte local as quais jogavam a partida preliminar, “os gordos” contra “os magros”.

Para que esses jogos beneficentes pudessem acontecer, as partidas do campeonato local eram transferidas para outra data. Para abrilhantar mais o evento, fazia-se presente um conjunto musical que era responsável pela animação do público espectador o qual tocava diferentes estilos musicais entre uma partida e outra, auxiliando também o barulho da torcida. Essa parte da ‘corpo festivo em prol de Sant’Ana’ não era algo que acontecia somente para os homens, pois a presença de mulheres e crianças era significativo pois contava-se com a participação de membros das famílias dos jogadores amadores que iam prestigiar os seus.

Ainda com o objetivo de arrecadar recursos, no ano de 1950, foi ofertado à população a apresentação de um espetáculo fílmico no Cine Império, em duas sessões: às 19:00 e às 21:00 horas, com a projeção do filme “Maria Madalena”.

Dessa forma, no que concerne ao início dos preparativos para a ‘festa de Sant’Ana’ pode-se afirmar que eles começavam realmente quando encerravam as comemorações do ano vigente, momento no qual se fazia um balanço informal da festa que findava e se apontavam possibilidades para o ano seguinte. Nesse dia também eram escolhidos alguns festeiros para a próxima laudação. Ao passo que as medidas práticas para a festa da padroeira iniciavam em meados do mês de maio, quando os festeiros davam o ponta pé inicial com as reuniões na Igreja para que as primeiras decisões fossem fixadas. Era o momento em que um grupo de pessoas trabalhavam juntos em torno de um objetivo único: criar um modelo de festa religiosa que atendesse aos mesmo tempo aos interesses da instituição eclesial, dos próprios festeiros e também do público participante.

Depois das decisões tomadas, partia-se para sua divulgação que se dava de quatro maneiras. A primeira, através dos jornais, quando nos primeiros dias do mês de julho algumas notas eram lançadas para chamar a atenção dos pontagrossenses para o evento daquele ano. Na coluna “Flash Locais” escrita por Heitor Ditzel do Jornal da Manhã, e “Notas Mundanas” do Jornal Diário dos Campos encontramos quase que diariamente informações que envolviam o acontecimento.

Uma segunda forma de divulgação eram os cartazes de propaganda que eram fixados em locais estratégicos da cidade, principalmente onde houvesse maior circulação de pessoas, ou seja, espaços públicos e estabelecimentos comerciais.

A terceira, quando algumas pessoas recebiam um convite formal impresso e nominal que continha a descrição de toda a programação festiva daquele ano.

E a quarta maneira era 'boca-a-boca', através das conversas informais entre os moradores da cidade.

Nesse sentido, pode-se dizer que o envolvimento das pessoas para o cumprimento dessa etapa da organização das festividades é apresentado como um fenômeno de ação coletiva que implica numa doação pessoal porque exige disponibilidade de tempo para trabalhar para a Igreja.

Assim, uma Comissão Diretiva era escolhida juntamente com os festeiros para planejar, preparar e organizar o evento, sendo composta pelos seguintes cargos: Vigário, Presidente e Vice, 1º e 2º Tesoureiros, 1º e 2º Secretários.

No que se refere a atribuição de papéis para a organização das atividades, se fazia uma lista de encargos, tanto para coordenadores como para voluntários, a fim de que as responsabilidades de cada parte envolvida ficassem mais claras. Todavia tal determinação não era rígida, pois os registros apontam para a troca de tarefas, pois era uma festa comunitária, na qual esse grupo trabalhava em prol de um objetivo único fazer com que a festa de Sant'Ana acontecesse da melhor forma possível. Assim a flexibilidade era uma característica que estava presente entre eles.

A princípio, para que uma pessoa fizesse parte da lista dos festeiros, não havia nenhuma exigência, bastando a intenção de participar e o seu comprometimento com o evento. Diante disso havia a necessidade de limitar o seu numero, pois os interessados em ocupar essa função eram muitos.

Assim, ano apos ano, a festa de Sant'Ana foi crescendo em Ponta Grossa. Em 1939 a mesma já era identificada como 'a festa da cidade' como pode ser observada na transcrição a seguir:

A delicadeza e a fé das comemorações religiosas manifesta-se de forma particular em nossa cidade neste julho de evocações, quando as festividades da padroeira constituem o principal motivo da vida cidadina. Nossa Senhora de Sant'Ana e uma data tradicional na vida pontagrossene. Suas festas constituem, mesmo, as mais solenes e mais entusiásticas de todas as que aqui tem lugar durante o período anual(...) Essa festa que perdeu parte do seu caráter de festa religiosa para se tornar festa da cidade, atinge assim, ao seu apogeu (Jornal Diário dos Campos. Ponta Grossa, 26 jul.1939).

Pode-se dizer que, grande parte dessa conquista para a exuberância do evento, esteve a cargo dos festeiros, que tinham em suas mãos a tarefa de fazer

com que a festa não ficasse somente no papel, mas sim se tornasse um momento para ser vivido por todos com ebulição.

Porém, a partir do final da década de 1950 os "anos de efervescência" da festa da Padroeira desapareceram, e essa constatação não foi expressa apenas pelos entrevistados e protagonistas de muito desses antigos encontros ou, ainda, por outros moradores consultados informalmente, mas também pode ser observado no trecho da obra "Cinco Histórias Convergentes", do escritor ponta-grossense Epaminondas Holzmann que, com certo saudosismo, registrou o seu esvaziamento. Diz o autor:

Inesquecíveis festa de Sant'Ana, a padroeira de Ponta Grossa(...) Eram reuniões estupendas, que terminavam sempre depois da meia noite, pois que nunca faltava um arrasta-pé. As doceiras também tinham suas porfias; e ate as modistas competiam entre si e com as costureiras de Curitiba: todo mundo feminino se enchapelava e, antes da missa solene, as elegantes de então se exibiam sua faceirice nos corredores do templo (HOLZMANN, 1966, p. 72).

Assim, apos analisar essa modalidade de experiência religiosa na cidade de Ponta Grossa, pode-se concluir que através dela o homem revelou seu poder imaginativo e criativo, fazendo delas momento de magia. Nela as imagens e os gestos são apresentados como expressões que se encaminham para criar, gerar ou até determinar um padrão de realidade.

Nesse sentido, se pode dizer que o fator religioso possuiu força e constituiu um dos modificadores da organização de um grupo, de uma comunidade da cidade de Ponta Grossa, durante um período de sua historia, pois esta possibilitou trazer a tona momentos que auxiliam o estudo do modo de vida, dos costumes, do cotidiano, das representações simbólicas e da religiosidade, dessa localidade, constituindo-se assim, como um amplo caminho para o encontro do conhecimento humano.

Constatou-se o grande envolvimento da população no evento, tanto nos momentos dedicados a religião quanto ao profano. No conjunto da festividade as principais características consistiam em templo e praça cheios de fieis, mais que o habitual, cidade enfeitada e mais movimentada do que o costume, comercio envolvido seja como festeiro, ponto de entrega de prendas ou, ainda, na expectativa de vender mais, imprensa participando seja divulgando antecipadamente ou "cobrindo" as etapas do evento, muitas prendas e barraquinhas, alegria a todos. Tudo isso culminando com a queima dos fogos de artifícios que, simbolicamente, já anunciavam que o brilhantismo do ano seguinte poderia e deveria ser maior ainda, em relação aquela que se findava.

Considerações Finais

Durante esses anos (1930-1961) a festa foi marcada pelo encontro entrereligiosidade e sociabilidade, que constituíam uma "festa dentro da festa", em que risos, e lembranças de festas anteriores fizessem com que a sociabilidade se expressasse na religiosidade. Nela os papeis de cada participante eram definidos e redefinidos em função das necessidades apresentadas, pois enquanto festa comunitária, o que realmente importava ao grupo era a concretização do objetivo comum a todos: realizar a melhor e maior festa possível em louvor Sant'Ana.

Referências

AZZI, Riolando. A Espiritualidade Popular no Brasil: um enfoque histórico. In: **Grande Sinal - Revista de Espiritualidade**, Ano XLVIII - 1994/3.

BECKHAUSER, Frei Alberto. **Símbolos Litúrgicos**. Rio de Janeiro, Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

BRANDAO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas-SP: Editora Papyrus, 1989.

BRANDAO, Carlos Rodrigues. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

BRANDAO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: EDUSP, 1996.

CHAMMA, Guísela Velleda Frei. **Ponta Grossa**. Edição histórica. Curitiba: Requião & Cia Ltda, 1975.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1985.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**. São Paulo: Paulinas, 2001.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.

DUVIGNAUD, J. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERNANDES, Josué Correa. **Das Colinas do Pitangui**. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 2003.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. As Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia: Intercessões na Arte. In: **Revista IHGB**, Rio de Janeiro, 164(420): 11:52 jul/set. 2003

GONÇALVES, Maria Aparecida C. & PINTO, Elisabete. **Ponta Grossa: um século de vida (1823-1923)**. Ponta Grossa: Kluger Artes Gráficas, 1983.

HOORNART, Eduardo, et al, **História da Igreja no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1979.

LANGE, Francisco Cothar Paulo. **Os CAMPOS GERAIS e sua princesa**. Curitiba: Copel, 1998.

LAVALLE, Aida Mansani. **Germânia-Guaíra: um século de sociedade na memória de Ponta Grossa**. Ponta Grossa: Centro de Publicações, 1996.

LEBRUN, Francis. As Reformas: devoções comunitárias e piedade pessoal. In: ARIES, P.; CHARTIER, R. (Orgs). **Historia da Vida Privada 3: da Renascença ao Século das Luzes**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

LLIGADAS, Josep. **Santa Ana e São Joaquim**. São Paulo: Editora Paulus, 1999.

LODI, Enzo. **Os Santos do Calendário Romano**. São Paulo: Paulus, 2001.

LOPES, Eliane Marta T. Nostalgia e aspiração pelo livro. Santana Mestra na Colônia: In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Modos de ler. Formas de Escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

LOPES, Jose Carlos Veiga. **Origens do Povoamento de Ponta Grossa**. Curitiba: s/ed., 1999.

MORAES FILHO, Alexandre J. Mello. **Festas Populares do Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1979.

MOTT, Luiz. **Cotidiano e Vivência Religiosa: entre a capela e o calundu**. In: **História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Lisboa: Edições 70, 1991.

PEREZ, Léa. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro (org). **A festa na vida: significado e imagem**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte:

Autêntica, 2004.

PRIORE, Mari Del. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PRIORE, Mari Del. **Religião e Religiosidade no Brasil Colônia**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

SANTOS, Antonio César de Almeida (org). Provimentos do ouvidor Pardinho para Curitiba e Paranaguá(1721). **Monumenta**, V.3, N.10, Inverno 2000.

TINHORAO, José Ramos. **As festas no Brasil Colonial**. São Paulo. Editora 34. 2000.

WERNET, Augustin. **A Igreja Paulista no século XIX**. São Paulo: Ática, 1987.

ZILLES Urbano. Teocomunicação. **Porto Alegre: PUC**. Vol.1, n 127, Março 2000, p 129- 165.

Maura Regina Petruski

Professora Adjunta da Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR.

Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná.

Integrante do corpo docente da Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR.

Campus Uvuaranas. Avenida General Carlos Cavalcanti, 4748.

Cep: 84030-900. Ponta Grossa-PR.

Email: mpetruski@uol.com.br

Recebido para publicação em outubro de 2013

Aprovado para publicação em janeiro de 2014